As invisibilidades da história: Athayde Ribeiro da Silva e a psicologia do esporte no Brasil

Invisibilities in history: Athayde Ribeiro da Silva and sport psychology in Brazil

Adriana Amaral do Espírito Santo
Ana Maria Jacó-Vilela
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Brasil

Resumo
O futebol chegou ao Brasil como esporte das elites e começou a se popularizar durante o governo de Getúlio Vargas, que o utilizou, juntamente com o samba, para a afirmação da identidade nacional. Neste processo, profissionalizou-se e conferiu novo *status* ao jogador: o de trabalhador. Esta transformação possibilitou que a Psicologia começasse a atuar junto ao esporte, com técnicas de recrutamento e seleção profissional, bem como realizando psicodiagnóstico. Um importante personagem nesta trajetória foi Athayde Ribeiro da Silva, indicado para trabalhar com a seleção brasileira de futebol em 1962 e 1966. Embora com uma vasta atuação acadêmica e profissional, Ribeiro da Silva permanece incógnito para a história da Psicologia do Esporte. O intuito deste artigo é, portanto, apresentar sua trajetória, demonstrar sua relevância para o campo e contribuir, assim, com novos dados para os profissionais da área.
Palavras-chave: psicologia do esporte; história da psicologia; futebol; Athayde Ribeiro da Silva

Abstract
Soccer arrived in Brazil as a sport of the elite and started to become popular during the government of Getulio Vargas, who used it, as well as samba, for the affirmation of national identity. In this process, soccer was professionalized and gave the player a new *status*: he became a worker. This transformation enabled psychology to begin to work with sports, using technical recruiting and professional selection as well as performing psychological diagnosis. An important persona in this trajectory was Athayde Ribeiro da Silva, appointed to work with the Brazilian national soccer team in 1962 and 1966. Despite a wide academic and professional performance, Ribeiro da Silva remains unknown for the History of Sport Psychology. The purpose of this article is, therefore, to present his trajectory, demonstrating his relevance to the field and thus contributing with new data to the psychologists who work with sports.
Keywords: sport psychology; history of psychology; soccer; Athayde Ribeiro da Silva

Introdução

A constituição do futebol como esporte profissional no Brasil não aconteceu de forma tranquila, muito menos linear. Por muitos anos, esteve diretamente entrelaçada a questões políticas e durante a Era Vargas (1930-1945) esses laços ficaram ainda mais estreitos.

Drumond (2009) aponta que naquele período esporte e festas cívicas teatralizavam a imagem de uma nação feliz e longeva, principalmente no eixo Rio-São Paulo, onde eram realizados eventos grandiosos em datas como a Semana da Pátria, Dia do Marinheiro e especialmente o Dia do Trabalho, comemorado nos primeiros anos no então maior estádio do país – São Januário, no Rio de Janeiro. Nessas ocasiões, o governo fretava ônibus para levar o público ao local das cerimônias, que eram transmitidas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) – aparelho estatal responsável pelo controle da cultura de massa – para o Brasil e exterior. Não raramente, acontecia a assinatura de algum benefício para os trabalhadores, como o salário mínimo, em 1940.

De acordo com Carvalho (2012), também no governo Vargas foram tomadas algumas medidas que visavam ao incentivo não só do esporte, mas também da educação física, como o Decreto n. 23.252 de 19 de outubro de 1933, que transformou o Centro Militar de Educação Física (CMEF) em Escola de Educação Física do Exército (E.E.F.E). Considerada a primeira escola de formação de professores de Educação Física no Brasil, a E.E.F.E. teve como principal função a formação de instrutores em todo o território nacional. Objetivava-se, assim, elevar o nível eugênico do país, ou seja, melhorar a raça no sentido do projeto civilizatório da nação.

Ainda neste período, o futebol, assim como o samba, foi eleito como o carro-chefe para a construção de uma identidade nacional. Para Ericeira (2010), o movimento político da Era Vargas teve como "repercussões sócio-culturais, o crescente sentimento de valorização dos símbolos nacionais, entre eles, a miscigenação racial, a música popular, o Carnaval e a beleza física da mulher brasileira" (p. 31). Houve todo um esforço para implantar a ideia de nação, em oposição aos interesses das oligarquias regionais.

O samba sobressaiu como o gênero musical representativo desta nação, encantando intelectuais e eruditos e marcado por três fatores fundamentais, segundo Soihet (citada por Ericeira, 2010):

> O primeiro seria o contexto mundial da década de 1930, quando em diferentes países do mundo ocorreu a valorização social das melodias populares, como o jazz nos Estados Unidos e o merengue nos países caribenhos. O segundo elemento calcar-se-ia nas transformações pelas quais passou a sociedade brasileira no período em foco, trazendo em seu bojo modificações no que tange à sociabilidade urbana e à visibilidade de outro estilo de vida, como o dos negros sambistas cariocas. O terceiro fator seria resultante da efervescência nacionalista no decurso das duas grandes guerras mundiais. Na música, a procura pela autenticidade nacional teria sido encontrada nas contribuições dos negros às expressões da cultura popular, a exemplo, o samba (p. 32).

Já o futebol foi trazido para solo brasileiro por jovens de classe alta, as primeiras equipes sendo representativas da elite da sociedade da época. No início do século XX,

começou a se espalhar, sendo apropriado não apenas pelas elites, mas também pelo povo, principalmente nos campos de várzea. Com esse movimento, a inserção do negro nos clubes passou a ser uma temática polêmica. Em seu emblemático livro "O Negro no Futebol Brasileiro", de 1964, Mário Filho mostrou este processo, no qual o primeiro time nacional a aceitar um jogador negro teria sido o Bangu, do Rio de Janeiro, sendo o carioca Vasco da Gama precursor na escalação de um time racialmente misto em campo. Mesmo com essas iniciativas, os negros permaneceram, ainda, longe dos grandes clubes por muito tempo. Num movimento de tentativa de inserção, eles usavam toucas para camuflar os cabelos crespos e se maquiavam com pó-de-arroz para clarear a pele e serem aceitos pelos sócios brancos dos clubes (Daolio, 1998).

As intervenções de Vargas sobre o futebol passaram também por este tema da miscigenação, mas antes disso foram voltadas à sua profissionalização. Conforme mostra Drumond (2009), diversos embates aconteceram no Brasil durante anos, com criação e extinção de muitas entidades do futebol, girando em torno da batalha do amadorismo *versus* profissionalismo, que culminou com o fracasso da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1934. Com a dicotomização enraizada nas próprias entidades organizadoras do futebol, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), entidade filiada à FIFA (Federação Internacional de Futebol, do francês: *Fédération Internationale de Football Association*) e responsável por organizar a seleção brasileira, foi obrigada a contratar os craques brasileiros, pois os mesmos estavam nos clubes filiados à Federação Brasileira de Futebol (FBF). Com o recebimento de luvas pelo contrato e de salários mensais, sacramentava-se o fim do amadorismo como regime exclusivo na CBD.

A Copa do Mundo da França, em 1938, aconteceu logo após a instauração do Estado Novo e marcou a aproximação de Vargas com o esporte mais popular do Brasil, agora sim exercendo importante papel na valorização do negro, vendendo a miscigenação racial como retrato da democracia[1]. Com seu apoio, diferentemente dos anos anteriores, a seleção embarcou com força máxima e com condições de infraestrutura para os atletas. O investimento foi tanto que Alzira Vargas, filha do presidente da República, figurou como madrinha da seleção e os torcedores brasileiros eram dispensados do trabalho para acompanhar as transmissões pelo rádio. O Brasil, que incluía jogadores negros como Domingos da Guia (1912-2000) e Leônidas da Silva (1913-2004), ficou em terceiro lugar e pela primeira vez um brasileiro – Leônidas da Silva, o Diamante Negro – foi o artilheiro de uma Copa do Mundo. Em seu regresso, os jogadores desfilaram em carro aberto como "campeões morais".

[1] A ideia de democracia racial no Brasil começou a ser difundida na década de 1930. Para isto, foi importantíssima a publicação, em 1933, do livro *Casa grande & senzala*, de Gilberto Freyre, em que o autor apontou a inexistência de categorias raciais rígidas no país, em função da miscigenação. Haveria, portanto, a prevalência de um convívio racial harmonioso, desfazendo a ideia pejorativa da mestiçagem, que vigorava até então. Por volta dos anos 1950, esta ideia começa a ser contestada por outros estudiosos, apontando a democracia racial como um mito.

Três anos depois, o Decreto-lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941, criou o Conselho Nacional de Desportos (CND), realizando finalmente a oficialização dos esportes. O conselho detinha o controle total dos desportos em todo o país, trazendo-os para "a órbita de aparelhamento do Estado Novo" (Drumond, 2009, p. 236). Dessa forma, os clubes e as federações esportivas ficavam sujeitos ao CND, permitindo o retorno da Confederação Brasileira de Desportos ao comando do futebol. Com o Decreto-lei 3.199,

> (...) cada esporte, ou grupo de esportes, poderia se organizar em apenas uma confederação em todo o território nacional, sendo essa necessariamente filiada à entidade internacional de seu ramo desportivo. Cada unidade territorial brasileira – Distrito Federal, estados e territórios – teria uma federação filiada a cada confederação (Drumond, 2009, p. 236).

A profissionalização do futebol e a oficialização dos esportes conferiram uma nova configuração ao jogador de futebol. Ele, agora, passou a ser visto como trabalhador, que foi, em termos gerais, um dos principais focos de atuação do governo Vargas. Assim, abriu-se caminho para a inserção da Psicologia junto a este trabalhador, estreitando os laços entre Psicologia e Educação Física, no que Carvalho (2012) chama de uma nova psicologia.

Dessa forma, de questões gerais sobre o desenvolvimento e formação do caráter do homem, os autores da época começam a abordar pontos mais específicos da psicologia afeta aos esportes, entre eles a seleção e orientação dos atletas para suas funções, viés da Psicologia Industrial ou do Trabalho. Vale lembrar que o papel da Psicologia no processo de industrialização do Brasil foi importante para ambas as partes – o campo do trabalho e a própria Psicologia enquanto ciência e profissão. Utilizando-se de testes e psicometria, "aceita-se a técnica como produto da ciência" (Motta, 2005, p. 74). A partir daí, os instrumentos psicológicos vão se expandindo e a psicotécnica vai sendo utilizada em outras áreas, como a dos esportes.

Personagens conhecidos da Psicologia e da Educação Física, e também alguns completamente desconhecidos do mundo *psi*, transitam no cenário da Educação Física, falando sobre Psicologia, no que Carvalho (2012) chama de imigração do saber psicológico: a construção de um discurso psicológico voltado para o mundo da atividade física e do esporte. "Com um discurso voltado aos fenômenos do homem atleta e da realidade esportiva, essa *nova psicologia* cria as bases para o que conhecemos hoje como Psicologia do Esporte" (Carvalho, 2012, p. 189, grifo no original).

A autora aponta, ainda, que essa nova psicologia, que ainda não é sinônimo da Psicologia do Esporte como a conhecemos hoje, mas que começa a lançar seus alicerces, é marcada por um hibridismo entre psicologia clínica e industrial, com a utilização de testes psicológicos voltados para o diagnóstico de patologias e para seleção profissional. Assim, acompanhando o espírito da época, em que a psicotécnica será a principal forma de prática

psicológica, a Psicologia do Esporte terá em seu início práticas marcadas pelo uso de testes psicológicos e outros instrumentos comuns à psicologia aplicada.

Ainda dentro desta orientação para o desenvolvimento do mundo do trabalho, em 1944 foi instituída a Fundação Getúlio Vargas (FGV), no Rio de Janeiro. Seus objetivos, de acordo com Silva e Rosas (1997), eram realizar a documentação, estudo e pesquisa no domínio da racionalização do trabalho, preocupando-se com suas implicações humanas, a "harmonia social". Dentro desta fundação, o dr. João Carlos Vital, então ministro interino do Trabalho no governo Vargas, idealizou, em 1938, o Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), órgão autônomo inaugurado finalmente em 1947, já após a ditadura Vargas.

O ISOP, dirigido por Emilio Mira y López (1896-1964) ao longo de dezessete anos, (1947 a 1964), se tornou referência em psicotécnica no Rio de Janeiro e no Brasil, não apenas no meio acadêmico, mas também por ser muito noticiado na mídia impressa. Teve papel pioneiro na formação de especialistas em seleção e orientação profissional, através de cursos para os profissionais, serviços à população e o desenvolvimento e implantação de técnicas de Psicologia Aplicada ao Trabalho (Seidl-de-Moura, 2011), ramo que se desenvolvia a pleno vapor na época.

Motta (2005) aponta que, entre as funções da FGV, havia destaque para a melhoria das condições do rendimento humano, "deixando claro que a psicologia fica a serviço de 'selecionar e treinar' o 'homem certo para o lugar certo', a fim de que se 'produza mais com menos custos'" (p. 28). Em suma, o ISOP, de acordo com a autora, tinha o "objetivo básico de contribuir para o ajustamento entre o trabalhador e o trabalho, mediante o estudo científico das aptidões e vocações do primeiro e dos requisitos psicológicos do segundo" (p. 142).

João Carvalhaes (1917-1976), um dos primeiros a trabalhar com Psicologia do Esporte no Brasil, na década de 1950, antes mesmo da regulamentação da profissão de psicólogo, teve toda sua trajetória profissional ligada à psicologia do trabalho. Atuou na avaliação de trabalhadores através de testes psicológicos em empresas de transporte público de São Paulo, até iniciar sua atuação junto à Federação Paulista de Futebol, realizando seleção de árbitros nos mesmos moldes que utilizava até então: os testes psicológicos.

Em todo o trabalho que desenvolveu a partir daí no esporte, pode-se dizer que adotou os moldes da psicologia do trabalho, fosse com os árbitros da Federação Paulista, fosse no São Paulo Futebol Clube, ou ainda na seleção brasileira de futebol de 1958, que se sagrou campeã da Copa do Mundo na Suécia. Utilizou diversos testes psicológicos, como o *Arm Test*, o teste da figura humana e principalmente o psicodiagnóstico miocinético (PMK)[2].

[2] O PMK teve sua primeira padronização completada no ISOP, em 1949. A primeira edição de seu manual foi publicada em 1951, em francês. Foi traduzido para o espanhol em 1957, sendo publicado em inglês em 1958 e em alemão em 1964 (Rosas, 1995). Em 1987, Alice Mira publicou uma atualização deste manual, em português, fruto do trabalho incessante que desenvolveu em diversas populações durante anos. Após a reprovação de seu manual publicado em 2009 pelo Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI) do Conselho Federal de

Criado por Emilio Mira y López, este último seguia tendências psicofisiológicas comuns à época de sua criação, considerando que é possível acessar características da *personalidade* através de atividades motoras.

A atuação de Carvalhaes com a seleção brasileira de futebol de 1958 foi bastante polêmica, inclusive por seu ineditismo, e acabou gerando especulações e interpretações equivocadas de seu trabalho. A repercussão de sua atuação pôde ser vista na quantidade de matérias publicadas sobre ele em jornais da época, tanto a seu favor quanto com críticas, como com relação à suposta sugestão de corte do jogador Garrincha devido ao resultado dos seus testes. Mas um dos episódios mais curiosos foi o sumiço de todo o seu material na volta da seleção ao Brasil, tendo reaparecido mais tarde, sem nenhuma explicação. Assim, não sabemos ao certo o porquê de não ter sido chamado novamente, em 1962, para acompanhar a seleção que disputaria a próxima Copa do Mundo, no Chile, mas essas polêmicas em torno de sua figura geram possibilidades de discussão sobre os interesses políticos que estavam por trás tanto da contratação quanto das tentativas de desqualificação de seu trabalho.

De qualquer forma, o espaço para a Psicologia, naquele momento, havia sido aberto. A Confederação Brasileira de Desportos – que assim permaneceu até 1979, quando foi criada a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) – solicitou ao ISOP, então dirigido por Emilio Mira y López, a indicação de outro profissional para colaborar com os exames médicos (nomenclatura que à época também abrangia os exames psicológicos) da seleção brasileira que disputaria o campeonato mundial de futebol no Chile, em 1962.

Só o fato de a CBD ter recorrido ao ISOP já nos permite levantar diversas hipóteses sobre o que se esperava deste profissional, já que se tratava de um instituto que basicamente fazia avaliação psicológica voltada para o mundo do trabalho. Na literatura sobre Psicologia do Esporte no Brasil, o ISOP não é mencionado, mas vimos através da pesquisa que originou este trabalho que exerceu um importante papel nas primeiras atividades desenvolvidas no país no âmbito esportivo. E foi assim que o profissional indicado por Mira y López, Athayde Ribeiro da Silva (1915-?)[3], desenvolveu seu trabalho com a seleção brasileira de futebol.

Descobrindo Athayde Ribeiro da Silva

A investigação histórica é marcada pela imprevisibilidade, "se diversifica em encontros impensáveis e coincidências despropositadas: enfim, em *descobertas* que nos vão apontando caminhos (métodos?) invisibilizados a princípio" (Jacó-Vilela, 2001, p. 178, grifo no original).

Psicologia (CFP), foi reencaminhada nova versão, de 2012, para avaliação. O manual atual, de 2014, foi considerado favorável para uso pelos psicólogos (http://site.cfp.org.br/nota-de-esclarecimento-do-cfp-sobre-o-teste-psicolgico-pmk. Acesso em 21 de março, 2015).

[3] O autor aparece em inúmeras citações com duas entradas distintas: "SILVA, Athayde Ribeiro da" e "RIBEIRO DA SILVA, Athayde". Utilizaremos, neste trabalho, a segunda opção, uma vez que é a forma como o próprio autor faz referência a trabalhos seus em pelo menos um de seus artigos, *As aptidões do futebolista*.

Muito desta imprevisibilidade diz respeito à criação, conservação e acesso aos acervos, ainda muito precários no Brasil, caminhando junto com uma mentalidade que não valoriza a História e os documentos que vão sendo produzidos ao longo dos anos, tornando mais difícil uma construção historiográfica pelas gerações futuras.

No Brasil, em especial, a destruição e o abandono dos acervos são comuns, como apontam Campos e Massimi (1998). Schultz & Schultz (1992) lembram que os documentos históricos podem se perder, serem suprimidos deliberadamente, distorcidos por interesses pessoais ou traduzidos incorretamente. Podemos acrescentar ainda os recursos (in)disponíveis para fazer levantamentos de grandes acervos ou mesmo os empecilhos encontrados para se chegar a determinado material, por mais que esteja completamente preservado, entre tantos outros fatores que fazem da reconstrução histórica um trabalho dinâmico.

Muitos desses percalços foram sendo observados ao longo da tentativa de resgatar o personagem histórico que é Athayde Ribeiro da Silva, pelo acesso extremamente difícil a registros de sua vida, tanto a partir de documentos quanto por meio de memórias de outros personagens contemporâneos a ele. A insistência na tarefa de descoberta deste profissional se justifica pelo que consideramos uma "injustiça histórica": como veremos adiante, Athayde Ribeiro da Silva construiu um extenso currículo na Psicologia do Esporte, porém não teve o mesmo reconhecimento que Carvalhaes, sendo, ainda hoje, um personagem invisível na história da Psicologia do Esporte. Foi participante ativo da comunidade acadêmica, frequentando congressos, sociedades e associações e escrevendo livros e artigos, com um somatório mais vultoso do que o de Carvalhaes. Porém, nem mesmo a data de seu falecimento conhecemos. Raramente se fala sobre ele, com dados escassos sobre sua vida e carreira, inclusive com relação ao ISOP.

Sendo assim, foram empreendidas várias tentativas diferentes com o objetivo de coletar material referente a sua vida e obra, que se iniciaram com uma pesquisa no Núcleo de Documentação da Fundação Getúlio Vargas (FGV). A partir desta busca, arquivos do setor de Recursos Humanos forneceram informações como datas de admissão e demissão, funções exercidas, etc., que acabaram constituindo a base para a reconstrução da trajetória profissional de Athayde Ribeiro. Alguns documentos oficiais que comprovam sua atuação junto à seleção brasileira de futebol – ofícios trocados entre a CBD e o ISOP solicitando seu trabalho – também estavam entre estes documentos preservados.

Athayde Ribeiro da Silva escreveu dois livros. *Futebol e Psicologia*, publicado no ano de 1964, teve a primeira parte, de autoria de Mira y López, publicada postumamente, já que Mira falecera naquele mesmo ano. A segunda parte do livro conta a experiência de Athayde com a seleção brasileira de futebol. E, em 1967, publicou *Psicologia esportiva e preparo do atleta.*

Além dos livros, teve alguns artigos publicados, em sua maioria nos *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada.* Nesta revista, no período entre 1948 e 1968, teve 15 publicações, sendo

um sobre esporte. *Observações sobre psicologia aplicada ao futebol*, de 1965, foi uma comunicação apresentada no I Congresso Internacional de Psicologia do Esporte. Já entre 1969 e 1976, publicou 11 artigos, sendo dois sobre esporte. Um deles é um resumo do congresso internacional, *Impressões e notas sobre o III Congresso Internacional de Psicologia Esportiva*, de 1974, e o outro é *As aptidões do futebolista*, de 1973.

Optamos então por explorar, neste artigo, o material até agora coletado, por meio de sua classificação em duas linhas principais: a primeira descrevendo seu percurso profissional e a segunda, uma síntese analítica – ainda inicial – do conteúdo teórico de suas publicações atinentes à Psicologia do Esporte, divididos nos seguintes temas: o papel do psicólogo do esporte; recursos e instrumentos utilizados; as aptidões do futebolista; treinadores, árbitros e grupos.

O percurso profissional de Athayde Ribeiro da Silva

Athayde Ribeiro da Silva foi um homem de muitas facetas. Nasceu em 30 de janeiro de 1915, em Minas Gerais, e, numa época em que as principais profissões no Brasil ainda se limitavam à Medicina, à Engenharia e ao Direito, formou-se Bacharel em Direito em 1939 pela Faculdade Nacional de Direito da então Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Falava inglês e francês, compreendendo também espanhol e italiano, e foi professor de inglês, geografia e história. Cumprindo uma tendência da época, em que a maioria dos profissionais se empregava em cargos públicos, foi aprovado em concurso para escriturário do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (I.A.P.I.), em 1938, onde permaneceu por vários anos, ocupando diversos cargos distintos. Entre 1938 e 1944, foi também ator no teatro e no rádio. Esta experiência no teatro fez, ainda, com que fosse professor de Psicologia Aplicada ao Teatro e de História do Teatro (como citado em Ribeiro da Silva, 1967).

Athayde proferiu palestras sobre Psicologia do Esporte na Escola de Educação Física do Exército e na Universidade do Ar (Unar), modalidade de ensino à distância criada pelo Sistema Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) da cidade de São Paulo, nos anos 1947-1961, que utilizava o rádio para o ensino (Oliveira, 2013). Lecionou também na Escola de Formação de Juízes de Futebol, além de ter proferido conferências no Curso de Treinamento Total da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura, destinado a profissionais de Educação Física e afins.

Foi no ISOP, contudo, que Athayde desenvolveu sua carreira na Psicologia e se consolidou na Psicologia do Esporte. Lá ingressou em 1953, tendo se tornado um membro importante daquela instituição, ocupando inclusive cargos de diretoria, em especial como substituto temporário dos diretores, dentre os quais Emilio Mira y López. O contato com Mira y López certamente impulsionou seu desenvolvimento na área esportiva.

Fazemos esta afirmação tendo em consideração dois fatos importantes. O primeiro é que, nesta mesma época (década de 1950) a figura de Mira y López era presença marcante na imprensa escrita, fosse como colunista (teve uma coluna no Jornal O Globo, por exemplo, chamada "Psicologia para o leitor") ou entrevistado. Como parte do modo de funcionamento da época, em que os "psicólogos" ainda eram generalistas, Mira falava sobre variados temas nos jornais: temas de família, parto, infância, adolescência, paternidade e velhice; hipnotismo e charlatanismo, em defesa da psicologia; amor e memória; suicídio e violência nas cidades; trânsito, já que o carro-chefe do ISOP era avaliação de motoristas; prostituição; alcoolismo; e até mesmo sua opinião sobre o impacto na população do lançamento de um satélite e, ainda, psicologia canina. Assim também falava sobre esportes.

O segundo fato é que foi o próprio Mira y López, então ainda diretor do ISOP, quem indicou Athayde à Confederação Brasileira de Desportos, em resposta à solicitação de um psicólogo para colaborar com a avaliação da seleção brasileira que disputaria o campeonato mundial de futebol no Chile, em 1962: "Em 1962, a Confederação Brasileira de Desportos pediu ao Prof. Mira y López a designação de um Psicólogo para encarregar-se dos exames. Eis como fui escolhido para ser o Psicólogo da equipe brasileira, função que tenho desempenhado até agora…" (Ribeiro da Silva, 1965, p. 69).

A parceria entre Mira e Athayde resultou, como já foi dito, na publicação, em 1964, do livro *Futebol e Psicologia*, e foi reconhecida pelo ISOP após a morte de Mira. Athayde Ribeiro foi o representante oficial da Fundação Getúlio Vargas na cerimônia de homenagem realizada no dia 31 de março de 1964 no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, quando do falecimento de Mira y López, e também integrou a comissão de elaboração do projeto de instituição do Prêmio Mira y López a trabalhos de pesquisa em psicologia teórica ou aplicada.

Ainda no ISOP, Athayde foi chefe do Centro de Informação e Pesquisa Ocupacional (CIPO), coordenador da Seção de Adultos, responsável e depois coordenador da Seção de Emprego, secretário da revista Arquivos Brasileiros de Psicotécnica e redator-chefe da revista Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada[4].

Provavelmente foi também no ISOP que Athayde se aprofundou nos testes psicológicos que posteriormente utilizaria com a seleção brasileira de futebol, tendo em vista que até seu ingresso no instituto, como foi dito, sua carreira não dizia respeito à Psicologia. Adquiriu o título de psicólogo em 1962, após a publicação da lei 4.119/62, que regulamentou

[4] A revista Arquivos Brasileiros de Psicotécnica (1949 a 1968) foi uma referência na área da Psicologia para os profissionais da época, que só tinham até aquele momento periódicos nas áreas de Medicina ou Pedagogia, além do Boletim de Psicologia da Sociedade Paulista de Psicologia, também lançado em 1949. Assim, os Arquivos recebiam artigos, não só de técnicos do ISOP, mas também de atores externos à instituição, além de publicações de textos de renomados autores estrangeiros (Silva & Rosas, 1997). Passou a se chamar Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada (1969-1978) e, enfim, Arquivos Brasileiros de Psicologia (1979-1990). Este último nome se mantém até hoje, porém agora de posse do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IP/UFRJ).

a profissão e que, em seu artigo 21, postulava que as pessoas que já vinham exercendo ou tenham exercido, "por mais de cinco anos, atividades profissionais de psicologia aplicada, deverão requerer no prazo de 180 dias, após a publicação desta lei, registro profissional de Psicólogo".

A maior parte dos testes psicológicos existentes à época era não apenas aplicada, mas por vezes também validada no ISOP. Tanto o PMK quanto os demais testes foram amplamente divulgados na imprensa escrita da época, que veiculava notícias explicando o funcionamento do exame psicotécnico, mostrando as atividades do ISOP, informando sobre a escolha profissional e as vocações. Essas notícias se multiplicaram por ocasião da Copa do Mundo de 1958, na cobertura do trabalho de João Carvalhaes com os jogadores, mas também em 1962 e 1966, ocasiões em que Athayde atuou junto à seleção. Fotos em reportagens de jornais da época[5] nos apontam indícios de que diversos profissionais do ISOP o tenham auxiliado na aplicação do PMK em jogadores como Pelé, Quarentinha, Belini, Garrincha, Amarildo e Jairzinho.

Athayde foi também membro ativo da comunidade internacional de Psicologia do Esporte nas décadas de 1960 e 1970. Participou do I Congresso Internacional de Psicologia do Esporte, em 1964, em Roma, relatando que, no discurso de abertura, "foi o Brasil o único país citado nominalmente como incentivador do uso da Psicologia no esporte, embora estivessem presentes representantes de 33 países" (Ribeiro da Silva, 1967, p. 93). Ainda naquela ocasião, foi eleito para compor o Conselho Diretor da Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte (ISSP), representando os países de língua portuguesa. A ISSP foi formalmente fundada em 1965, sob direção do dr. Ferruccio Antonelli, da Itália, e existe até hoje, sendo a única organização internacional explicitamente específica de Psicologia do Esporte (http://www.issponline.org/ab_mission.asp?ms=2).

No II Congresso Internacional de Psicologia do Esporte, realizado em Washington, em 1969, também foi eleito para o Conselho Diretor da ISSP. Nesta ocasião, co-presidiu o Comitê Provisório de Organização, junto com J. Yovanovic, do Chile, para criar a Federação Sulamericana de Psicologia Esportiva (Congresso Internacional de Psicologia Esportiva, 1969). No III Congresso Internacional, que aconteceu em Madri em 1973, participou homenageando postumamente Emilio Mira y López (III Congresso Internacional de Psicologia Esportiva, 1973).

Participou, ainda, do I Congresso Sulamericano de Psicologia Esportiva, em 1970, em Antofagasta, no Chile, quando foi eleito como um dos presidentes honorários da Diretoria definitiva da Federação Sulamericana de Psicologia Esportiva (I Congresso Sul-Americano de Psicologia Esportiva, 1970).

[5] Por exemplo: Fatos e Fotos, ano VI, n. 275. Brasília, 7/05/1966, p. 7. E outros ainda não identificados.

Consta ainda, na apresentação de seu livro *Psicologia esportiva e preparo do atleta*, que em 1965 foi psicólogo dos "penta-militares", o que acreditamos se tratar da equipe brasileira de pentatlo militar (esporte específico de militares, composto por cinco provas: tiro, natação utilitária com obstáculos, cross-country, lançamento de granadas e pista de obstáculos). Provavelmente por conta deste trabalho, tornou-se membro da Academia do Conselho Internacional do Esporte Militar (CISM). Representou a Comissão Desportiva das Forças Armadas (CDFA) no I Congresso Internacional, referido anteriormente (Ribeiro da Silva, 1965). Essas experiências com o esporte militar o inspiraram a escrever um apêndice no seu livro apenas sobre o militarismo: *Notas sobre aspectos psicológicos do esporte militar*.

Em 1966, voltou a ser solicitado, agora nominalmente, pela Confederação Brasileira de Desportos, sendo cedido pelo então diretor do ISOP, Alim Pedro (1907-1975), para realizar os exames psicotécnicos nos jogadores que disputariam o mundial de futebol da Inglaterra.

Athayde foi enviado, ainda, aos Jogos Olímpicos de 1968, no México, integrando a delegação designada pelo presidente da República. A missão, dirigida e coordenada pela Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura, destinou-se a colher informações sobre os métodos de preparo físico e psicológico dos atletas em todo o mundo.

Em 1970, participou da criação da Associação Brasileira de Psicologia Esportiva e Atividade Física, cuja sede localizou-se no ISOP, integrando seu Conselho Diretor provisório juntamente com Ernesto dos Santos, Lamartine Pereira da Costa, Alice Madeleine Galland de Mira, Catarina de Carvalho Ribeiro, Luiz dos Santos, Gualter Portela Filho e David Ferreira (Duque) (Associação Brasileira de Psicologia Esportiva e Atividade Física, 1970). No entanto, infelizmente não foram encontrados outros dados sobre os demais membros deste Conselho nem sobre a Associação em si, além da existência de um ciclo de palestras também não documentado em detalhes (Psicologia Esportiva, 1971). Note-se, porém, que um de seus componentes é Alice Mira, esposa de Emilio Mira y López. Nossa hipótese aqui é de que ela, sendo reconhecidamente uma das maiores pesquisadoras do teste PMK, responsável por sua validação, tenha participado dos testes com a seleção brasileira e, desta forma, se envolvido com a Psicologia do Esporte.

A produção intelectual de Athayde Ribeiro da Silva

Assim como João Carvalhaes, Athayde Ribeiro foi um profissional bastante preocupado com o futuro. Em suas publicações, mostrou-se imbuído de esforços em deixar um legado às gerações futuras, no intuito de que a Psicologia do Esporte continuasse a se desenvolver.

Outra característica marcante, que já pudemos vislumbrar na seção anterior, era, digamos, sua internacionalidade. Athayde Ribeiro circulou por diversos países e conheceu psicólogos de várias nacionalidades, o que influenciou diretamente seu trabalho. Mostrou-se

um profissional antenado com seu tempo, numa época em que a globalização não existia, sendo difícil manter este intercâmbio e se atualizar com relação às teorias que circulavam no meio intelectual. Nesse sentido, a FGV foi de grande valia, pois incentivava a participação de Athayde nos eventos internacionais e também suas publicações acadêmicas.

Por outro lado, estar a par da Psicologia do Esporte que se desenvolvia nos outros países mostrou a Athayde Ribeiro o quanto o Brasil ainda precisava se desenvolver. Não tanto pela Psicologia, que como ele mesmo citou, foi elogiada em congressos internacionais, mas pelo esporte no Brasil: "Como, infelizmente, nós, em matéria de fôrça para os esportes olímpicos, estamos muito atrasados, contentemo-nos em utilizar a Psicologia no futebol, no pentatlo militar e ensiná-la nas Escolas de Educação Física" (Ribeiro da Silva, 1967, p. 107).

Com relação ao futebol, foi sua principal área de atuação no esporte, e por isso dedicou a maior parte de seus trabalhos a ele, sob vários aspectos. Considerava o futebol uma riqueza nacional, um produto da economia brasileira, e por isso se esforçou em contribuir para seu desenvolvimento e melhora no rendimento dos atletas. Entendia que este esporte havia sido também o grande impulsionador da psicologia aplicada e, consequentemente, da psicologia do esporte no Brasil, lembrando do fato já narrado neste artigo de que no congresso internacional o Brasil fora citado nominalmente graças à repercussão do trabalho com o futebol.

Por várias vezes Athayde Ribeiro utilizou sua experiência no teatro para fazer analogias com o esporte, considerado como arte. O futebol, arriscou-se a dizer, seria "o mais artístico de todos os esportes" (Ribeiro da Silva, 1967, p. 134). Nesse sentido, diferir-se-ia do trabalho profissional em geral, que se torna automatizado pela repetição. No futebol, o movimento se renova continuamente, segundo as circunstâncias. Associou este movimento ao malabarismo, afirmando que o futebol é o único esporte que "proporciona ao atleta tantas possibilidades de desfrutar do prazer do jogo, do lúdico, inclusive na competição, sem prejuízo do rendimento" (Ribeiro da Silva, 1967, p. 134). A bola possui um papel simbólico, constituindo uma relação sensual com o jogador, um ato de amor. "Chamam-na de menina. Por isso, uns são tímidos, outros a agarram…" (Ribeiro da Silva, 1967, p. 134).

Vejamos, então, os principais aspectos encontrados na obra de Athayde Ribeiro da Silva, classificados aqui por temas.

1. O papel do psicólogo

Para Athayde Ribeiro, a Psicologia Aplicada desvendaria o mundo do esporte, ao avaliar o psiquismo dos atletas, cheio de complexidades. Assim, a função do psicólogo seria, em termos gerais, avaliar este atleta, para compreendê-lo individualmente e em grupo, transmitir essas informações colhidas ao técnico, para facilitar seu trato com eles e ajudá-lo a

compreendê-los, e trabalhar diariamente para oferecer assistência àqueles que dela necessitassem (Ribeiro da Silva, 1965; 1967).

Athayde enfatizava a realização de um trabalho completo, que não se restringisse à mera aplicação de testes psicológicos, como muitas vezes era solicitado pelos técnicos e dirigentes: "Ora, o trabalho do psicólogo não tem sentido nem eficiência sem a continuidade, sem a orientação e assistência. É o *counselling* o que deve caracterizar nosso programa de trabalho" (Ribeiro da Silva, 1967, p. 93). Assim, uma das primeiras tarefas do psicólogo seria esclarecer esta questão junto aos dirigentes e técnicos e assim delinear os rumos de seu trabalho.

Esta preocupação em tornar os dirigentes seus aliados vem do fato de considerá-los peça fundamental para o alicerce do grupo: "(…) dos dirigentes, de sua conduta, de seus atos e de suas atitudes, é que nascem e se mantêm as condições do moral do grupo" (Ribeiro da Silva, 1967, p. 99). Chegou a sugerir, por conta deste entendimento, que o ideal seria que os dirigentes também fossem submetidos a exame psicológico, proposta que raramente foi levada adiante.

A necessidade de um corpo unido, que envolvesse direção, técnico, jogadores e os demais profissionais, aparece como o que compreendemos hoje como equipe multidisciplinar. O psicólogo deveria estar em conexão direta com o departamento médico e o treinador, que poderiam solicitar intervenções, avaliações e atendimentos.

Esta "cúpula" deveria agir de maneira orquestrada, planejada e harmoniosa, com a função de transmitir aos jogadores uma imagem sólida de liderança. Para isso, o psicólogo possuiria papel fundamental, sendo o ponto neutro entre atletas e direção, conhecendo os atletas profundamente, através de sua avaliação, e orientando os dirigentes com relação a como exercer sua liderança e auxiliar o grupo a seguir um curso favorável.

> O que se busca no preparo psicológico é conseguir diretamente, que o atleta se identifique com uma liderança; o esportista tem que sentir necessidade (…) de transmitir lealdade e sacrifício a uma entidade, seja pessoa, clube, equipe, uma mística, a pátria, etc. (Ribeiro da Silva, 1967, p. 99).

Para Athayde Ribeiro, o trabalho psicológico consistia tanto na prevenção quanto na intervenção em dificuldades. A profilaxia é exemplificada com o caso de Chinesinho[6], jogador que foi cortado da seleção que iria disputar a Copa do Mundo de 1962:

> Quero apenas registrar como um atleta pode ser assistido psicologicamente num momento desses. Chinesinho, ao sair, deixou uma carta cheia de nobreza para os companheiros. E, na entrevista que, 24 horas depois, concedia a jornalistas, pude encontrar conceitos que fundamentaram a

[6] Sidney Colônia Cunha (1935-2011), meio-campista, foi jogador do Internacional e se consagrou como jogador do Palmeiras, no período de 1958 a 1962, quando passou pela seleção brasileira, mas não chegou a disputar a Copa do Mundo.

> profilaxia psicológica que lhe fora ministrada em nossa entrevista (Ribeiro da Silva, 1964, p. 52).

Já as intervenções em problemas ganham inúmeras facetas. Athayde chegou a citar algumas patologias que seriam específicas de esportistas, divididas em síndromes de medo do insucesso e síndromes de medo do sucesso, e aquelas ligadas a características do esporte, porém não específicas de esportistas.

Falou também sobre a ansiedade competitiva, relacionando-a com a introdução do profissionalismo no esporte, que colocou em jogo a segurança econômica do atleta e de sua família.

> Esta necessidade de fornecer meios e instrumentos ao atleta para dominar as tensões negativas e abrir as possibilidades (apetitivas) é quase que a essência mesma do preparo psicológico do atleta. Há que se conseguir condicionamentos para o esportista, de modo a realizar as operações auto-reguladoras (Ribeiro da Silva, 1967, pp. 91-92).

Athayde resumiu o que, para ele, seria um programa de trabalho do psicólogo numa equipe esportiva. Após a fase de avaliação, o trabalho poderia compreender diversas frentes. A primeira delas seria a observação sistemática e pesquisa dos atletas a fim de estabelecer suas características psicológicas. A partir da elaboração deste perfil, oferecer auxílio psicológico para a solução de conflitos e dificuldades. Para este fim, uma ferramenta que considerava útil era a realização de palestras para atletas, treinadores, árbitros etc., com o objetivo de divulgar os problemas psicológicos possíveis, também num trabalho de prevenção. O psicólogo poderia, também, colaborar na organização do programa de recreação para os atletas.

Athayde considerava que o psicólogo possuía papel importante também junto ao público e à imprensa, obtendo seu apoio quando julgasse útil e necessário.

Outro ponto relevante, embora citado apenas rapidamente, é a transição de carreira. Nosso autor entendia ser papel do psicólogo "auxiliar os atletas que terminam a atividade esportiva, em virtude da idade" (Ribeiro da Silva, 1967, p. 104).

2. Recursos e instrumentos utilizados

Para Athayde Ribeiro, o preparo do atleta era composto por três fases: a entrevista psicológica; a aplicação e interpretação de testes; e o preparo propriamente dito. Existiria ainda uma quarta fase, substituta parcial ou desdobramento da anterior: métodos não-verbais, quando necessários, que constituiriam um trabalho "médico-psicoterapêutico".

A entrevista psicológica seria a "peça-mestra" do trabalho, servindo principalmente para compreender a dinâmica da personalidade do atleta. Athayde relatou observar um alto nível de confiança e identificação dos atletas já na primeira entrevista, normalmente com a

emergência de algum pequeno problema ou pedido de conselho: "(…) destarte, não demanda muito esforço do psicólogo o trabalho de preparar o caminho para a transferência" (Ribeiro da Silva, 1967, p. 97). Aqui, percebemos, mesmo que ligeiramente, frutos de seu passado psicanalítico como "discípulo de Júlio Pires Porto-Carrero", como aparece no prefácio do seu livro[7].

Athayde Ribeiro atentou para a sensibilidade do psicólogo em como e quando realizar as entrevistas e as sessões de aconselhamento no acompanhamento dos jogadores, tendo em vista que o atleta, em geral, não gosta de conversas longas e tem senso de oportunidade agudo. Um conselho foi taxativo: "(…) não se deve *conversar* com atletas em dia ou véspera de competição, a menos que a iniciativa parta dele atleta. Que o psicólogo procure meios de empatia com o atleta está certo, mas nesses momentos de ansiedade, a *conversa formal* é desaconselhável" (Ribeiro da Silva, 1967, p. 97). Esta sua orientação decorre de que acreditava que uma conversa partindo do psicólogo poderia gerar sensação de que há medo da derrota ou que os dirigentes não confiam nele – e acreditava que não havia coisa mais danosa ao moral do atleta do que a falta de confiança nele.

Assim, para Athayde, o grande instrumento de trabalho era a palavra, porém não se restringia a ela. Apontou outros recursos, como o relaxamento muscular, que vinha sendo muito usado na Europa para ansiedade. Afirmava que o relaxamento permitia, além da tranquilidade e alívio muscular, a concentração mental necessária ao sincronismo neuromuscular, possuindo repercussões somáticas úteis ao rendimento do atleta.

Relatou também, embora com desagrado, o emprego da hipnose por alguns psicólogos no âmbito do esporte, muito frequente na Europa e Estados Unidos naquela época.

Com relação aos testes psicológicos, afirmou que os de personalidade eram os mais utilizados. Pessoalmente, não fazia muito uso de testes de inteligência, por considerar a convocação de um jogador para a seleção já uma prova de suas capacidades. Porém, em casos especiais, quando o técnico encontrasse alguma dificuldade do atleta compreendê-lo, por exemplo, sugeria o Raven ou uma das formas do INV (Teste de Inteligência Não-Verbal, de Pierre Weil).

Afirmou ter usado o teste Minhas Mãos, de Helena Antipoff (1892-1974), para avaliação dos goleiros. Athayde admirava a utilidade deste teste, tendo publicado o artigo "Utilização do teste 'minhas mãos' em orientação profissional" nos Arquivos Brasileiros de Psicotécnica em 1966. O mais curioso, contudo, é o relato de tê-lo adaptado para a avaliação dos jogadores de linha, no que seria o teste "Meus pés"[8]. A dificuldade relatada na aplicação deste e de outros testes é o fato de ser escrito, dado o baixo nível de instrução dos jogadores.

[7] Júlio Pires Porto-Carrero (1887-1937) formou-se médico na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na década de 1920, e tornou-se também professor universitário. Foi um grande difusor da psicanálise no Brasil e um dos pioneiros na aplicação do método psicanalítico em nosso solo.

[8] Não encontramos nenhuma comprovação da existência deste teste nas pesquisas realizadas até o momento.

O teste mais utilizado, como já foi comentado, foi o PMK. Aplicava-o em complementação à entrevista psicológica, para "avaliar a estrutura básica da personalidade" (Ribeiro da Silva, 1967, p. 71), além de medir o controle emocional, carga auto e hetero-agressiva e principalmente casos de disritmia.

Athayde fez referência, ainda, a diversos outros testes, todos estudados à época por autores brasileiros e muitos utilizados até hoje. Alguns de aplicação e interpretação rápidas: Koch-Stora, Três colunas de Algarismo, de Brosson, Machover. Outros de personalidade, como o Rorschach e o teste de Apercepção Temática (TAT). Para concentração e atenção: teste de André-Rey, de Thurstone, de Toulouse-Pieron ou de Lalaume.

Mencionou, também, um teste que afirmou ser ainda pouco conhecido no Brasil, mas narrado por Ferruccio Antonelli: o Banati-Fischer. De base grafológica, avalia capacidade de adaptação, de resistência a frustração, consciência de si mesmo em relação ao ambiente, comportamento diante de dificuldades como restrições, obrigações, obediência a regras, respeito a autoridade, situações estressantes e trauma.

Por fim, mas não menos importantes, Athayde utilizava também trabalhos em grupo, afirmando produzirem grande efeito para trazer os atletas para o centro das decisões e mostrar-lhes que suas opiniões são respeitadas e acatadas. Chamou estes trabalhos de "palestras", não ficando claro se se tratava de modelos do tipo conferência ou se utilizava dinâmicas de grupo. De qualquer forma, ressalta que esta aproximação com o grupo deveria acontecer na devida oportunidade, para não parecer para os atletas que só se lembrava deles em momentos difíceis, quando tudo está perdido.

3. As aptidões do futebolista

A caracterização do perfil do jogador foi uma preocupação de Athayde Ribeiro. Muito do que pensou sobre o assunto está contido em seu artigo "As aptidões do futebolista", mas também aparece em outros trabalhos. Articulou-se, por exemplo, com algumas ideias de Mira y López que estão contidas no mesmo livro em que conta sua experiência com a seleção, mas também acrescentou diversas observações genéricas e particulares. Acreditava, por exemplo, que o jogador brasileiro seria mais apto à prática do futebol: "a combinação de sangue latino e africano criou um homem de extraordinária agilidade motriz, leve, bailarino da bola, improvisador, um artista de grande capacidade criadora. Fazemos a *commedia dell'arte* do futebol" (Mira y López & Ribeiro da Silva, 1964, p. 39).

Por outro lado, enumerou a tipologia dos jogadores, discriminando também características que facilitariam a boa prática do futebol, utilizando, entre outros recursos, a análise profissiográfica. Este recurso emergiu das práticas de Emilio Mira y López no ISOP, tendo como objetivo o levantamento do perfil de cada cargo, por meio de uma análise detalhada de suas características e peculiaridades. "O perfil profissiográfico aprofunda e

detalha, em termos de pré-requisitos, as especificações necessárias ao desempenho competente das tarefas e atribuições" (Faiad, Coelho Júnior, Caetano & Albuquerque, 2012, p. 393).

Dessa forma, com relação às características específicas do jogador de futebol, apontou a necessidade de

> integração psicológica, segurança, contrôle emocional, agressividade, iniciativa, capacidade de improvisação, criatividade, capacidade de estabelecer boas relações com o grupo, como camaradagem, coesão, crença no grupo como fonte criadora, disposição de "dar-se" e identificar-se, como supremo necessidade individual, e, sobretudo, uma espécie de fé na aplicação de um plano ou de um sistema estabelecido pelo treinador (Ribeiro da Silva, 1965, p. 71).

Nesse sentido, Athayde Ribeiro falou sobre alguns jogadores da seleção, afirmando que os três entrevistados na concentração, em Nova Friburgo/RJ – Zagallo, Pelé e Didi – seriam uma síntese do craque nacional. Cabe aqui um adendo aos que podem qualificar esta postura de Athayde Ribeiro como antiética: se, naquela época, ainda não havia um Código de Ética dos psicólogos[9], Athayde demonstrou sua preocupação ética com a divulgação de sua opinião sobre os três jogadores, informando, em nota, que a divulgação dos perfis havia sido autorizada pela Confederação Brasileira de Desportos.

Com relação aos tipos, listou os paternais, os companheiros fraternais, os críticos, os líderes, os que nasceram para ser segundos ou colíderes, os que nasceram para ser liderados, os técnico-natos, os individualistas, aqueles para quem o futebol é um incidente, aqueles para quem que o futebol é um destino.

O autor desenvolveu um pouco mais profundamente a ideia de algumas características de personalidade importantes para o jogador de futebol, afirmando que as bases para essas aptidões viriam do período chamado por Jean Piaget de sensoriomotor, que se desenvolve até os dois anos de idade. As operações concretas e as operações formais fechariam o ciclo para o surgimento e desenvolvimento dessas habilidades:

> Partindo da necessária aptidão sensório-motora, a qualidade do futebolista pode ser avaliada, em relação a essas duas últimas fases, da seguinte maneira: se o jogador trabalha apenas a nível de operações concretas, teremos o futebolista médio. Se a jogada se faz ao nível formal combinatório de hipóteses, teremos o craque (Ribeiro da Silva, 1972, p. 9).

Foram inúmeras as características enumeradas por Athayde Ribeiro como importantes ao jogador de futebol. Poder criativo, que exige flexibilidade e originalidade, como dribles,

[9] O primeiro Código de Ética dos Psicólogos do Brasil foi elaborado pela Associação Brasileira de Psicologia em 1967 e aprovado em 1975, conforme a Resolução CFP 008/1975. Em 1979, a Resolução CFP 029/1979 revoga a anterior e estabelece o novo Código de Ética dos Psicólogos. O terceiro Código é publicado em 1987 (Resolução CFP 002/1987) e o atual em 2005 (Resolução CFP 010/2005).

cobranças de faltas, expressão corporal: "Em suma, a criatividade no futebolista é a superelaboração de jogadas com alto nível de operações formal-combinatórias" (Ribeiro da Silva, 1972, p. 10).

Quanto à capacidade perceptual, enfatizou a percepção visual, para os goleiros, e a visão espacial para os jogadores de linha.

O esquema corporal apareceu com o exemplo do atleta Tostão, ex-jogador da seleção brasileira. Segundo ele, Tostão quase foi excluído da equipe em 1968, ao ser escalado pelo lado direito, porém teve atuação brilhante em 1970, quando jogou pela esquerda, posição predominante para ele. Para Athayde Ribeiro, o jogador ideal não teria nenhuma predominância excessiva de um dos lados.

A aptidão espetacular seria a habilidade do atleta em promover um *show,* um espetáculo, eletrizando a torcida. Seriam atletas "quentes", que proporcionam uma catarse coletiva junto ao público, semelhante ao que acontece no teatro. Haveria, por outro lado, atletas frios, cerebrais, também artistas, porém mais refinados e sutis. Suas jogadas poderiam ser tão bonitas quanto as do atleta quente, contudo não conseguiriam eletrizar a plateia ou ser amados por ela.

A maior ou menor dose de espírito agonístico, ou seja, competitivo, suscitou a discussão sobre agressividade e motivação. Athayde citou Emma McCloy Layman, psicóloga norte-americana que classificou a agressão em reativa e instrumental: na primeira, há a percepção de um inimigo e a emoção da ira na reação; a segunda constitui um ataque no qual o objetivo primário não é injuriar o adversário, mas conseguir um prêmio, não envolvendo ira e não constituindo resposta a uma frustração ou estímulo nocivo. Para Athayde Ribeiro, o atleta teria a agressão instrumental e, neste ponto, a agressividade se confundiria com motivação: ele tenta derrotar o adversário pela satisfação em provar sua competência, não por ódio.

Para ele, ainda, ira e ressentimento na competição poderiam ser gerados por situações extrínsecas: treinos, exercícios físicos, deslocamentos permanentes, separação da família, salário. Ou seja, mais uma vez demonstrou preocupação com a vida econômica do atleta e também com seu futuro, já que profissionalmente dura muito pouco. Para ele, essas questões geram angústias existenciais no atleta.

O domínio e controle da ansiedade aparecem como outra característica de personalidade importante para o atleta de futebol. Para o autor, a ansiedade seria uma das primeiras fases de uma emoção básica, o medo. E existiria um paradoxo no esporte, que se destinaria a curar a ansiedade, mas ao mesmo tempo acabaria por gerá-la, principalmente a partir da oposição de duas forças destrutivas: a multidão agressiva e a necessidade de vencer. Athayde Ribeiro especulou também sobre as relações entre distensões musculares e ansiedade, afirmando dialogar com médicos, treinadores e educadores físicos sobre o assunto.

> Pelo dito, entendemos que tem uma aptidão das mais importantes o futebolista capaz de dominar e conter a ansiedade, capaz de não deixar-se seduzir pelos lances duvidosos e aleatórios do sortilégio. (A aplicação da dinâmica de grupo no futebol, diga-se de passagem, reduz essas preocupações com muito mais eficiência do que o animismo mítico-mágico) (Ribeiro da Silva, 1972, p. 17).

A liderança, desempenho de papéis e capacidade de exercer ação pessoal positiva no grupo apareceram não apenas quando falou sobre psicologia dos grupos, mas também quando enumerou as aptidões do jogador de futebol. Para ele, a função liderança estaria acima da pessoa, o líder, pois é situacional. E listou papéis que seriam construtivos e papéis destrutivos para a equipe.

> Mencionemos outros importantes requisitos de personalidades do futebolista como a adaptação ao sucesso, isto é, a capacidade de resistir à adoração dos torcedores sem se tornar "mascarado". Também o vigor para enfrentar crises esportivas, evitando cair em depressão. Não temer o fracasso, a derrota, não admitir qualquer forma de dopagem. Suportar dignamente a substituição, a passagem para a reserva (Ribeiro da Silva, 1972, pp. 19-20).

4. Treinadores, árbitros e grupos

Athayde também se dedicou aos treinadores e aos árbitros, segundo ele, dois bodes expiatórios tradicionais no esporte. Daí a necessidade de possuírem características excepcionais. Quanto ao técnico, algumas características básicas seriam: “ter uma personalidade muito bem integrada, um ego forte, um bom senso e contrôle emocional acima do normal” (Ribeiro da Silva, 1967, p. 118). Por ser um condutor de grupos humanos, em que seus membros muitas vezes são idolatrados e endeusados pela torcida, é indispensável também o senso de justiça.

> Precisa ter sensibilidade psicológica, precisa ter muita capacidade de estabelecer comunicação, deve usar, dosadamente, os métodos persuasivos de influenciar, ter atitude de comando sem a coação, de encorajar os subordinados, enfim, um número tão elevado de qualidades, que se pode dizer, sem exagêro: o técnico é uma espécie de super-homem (Ribeiro da Silva, 1967, p. 118).

A lista não parou por aí. Inspirou-se em H. Haroux, autor de trabalhos sobre psicologia dos líderes, para continuar: inteligência; controlar as reações interpessoais do grupo; manter posição central, de onde possa observar a todos; capacidade maior que a do grupo de estabelecer relações sociais; representar uma ideia e um modelo; representar o grupo e defendê-lo com estranhos; assumir a função executiva; controlar as relações entre os

membros do grupo; dispensar o grupo da responsabilidade e os atletas de tomarem decisões; constituir um núcleo compacto, em torno do qual o grupo possa se unificar.

Já com relação ao árbitro, afirmou ser "um distribuidor de justiça" (Ribeiro da Silva, 1967, p. 140). Citou alguns autores que teriam estudado os árbitros, mas, segundo ele, com trabalhos pobres de linguagem psicológica, por isso não se aprofundou nos mesmos. Em suma, concluiu que os árbitros necessitam de integridade moral; elevado controle emocional; inteligência; bom senso; capacidade de síntese; rapidez e segurança de percepção e decisão. O requisito fundamental é o conhecimento das regras. Admitiu, contudo, que os erros da arbitragem fazem parte do esporte e muitas vezes favorecem a justificativa de uma derrota, pela racionalização, colocando-se a culpa em um fator externo.

Para nosso personagem, a medida da situação psicológica da equipe de futebol, como grupo humano, seria uma preocupação básica do psicólogo. Ele considerava fundamental conhecer as relações entre o time e a direção – os dirigentes e a comissão técnica. A partir dos testes, o psicólogo reuniria informações importantes sobre os atletas, conhecendo-os a fundo, mas constituiria uma figura neutra, sendo por isso importante para esta articulação com quem comanda o time.

Comparou a relação entre jogadores e direção com a relação entre pais e filhos. Essas observações advieram como uma das conclusões do trabalho com a seleção brasileira de futebol, em 1962:

> A Seleção Nacional está estruturada nos mesmos têrmos da dinâmica de uma família. A Direção representa a figura paterna; os atletas, as figuras filiais. Como os filhos confiam na Direção, em seus critérios de justiça, de honestidade, de organização, de humanidade, de capacidade de decisão, temos um lar harmônico. E onde há lar harmônico, há segurança emocional, noção de responsabilidade, fraternidade sadia, enfim, tranqüilidade e confiança (Mira y López & Ribeiro da Silva, 1964, p. 35).

Esta característica mostrou-se muito importante em seu trabalho, ao comparar a seleção com a qual trabalhou com as de 1950 e 1954, por exemplo, quando o Brasil perdeu. Afirmou que os próprios jogadores sentiram esta diferença oriunda da direção.

Ainda sobre grupos, um dos autores importantes que nortearam as ideias de Athayde Ribeiro foi Kurt Lewin (1890-1947), citado diretamente, por exemplo, quando reproduziu a máxima da Psicologia da Gestalt de que "o todo é maior do que a soma das partes". Para Ribeiro, os esportes coletivos deveriam manter equipes permanentes, uma vez que "as equipes só se tornam grandes quando se exercitam muito tempo em conjunto" (Ribeiro da Silva, 1967, p. 102.).

Para ele, ocorreriam no futebol três pressupostos básicos de grupo, segundo W. R. Bion (1897-1979)[10]: dependência (o grupo é conduzido por um líder do qual depende); entrosamento (o gol, espécie de filho que nasce, promove uma gratificação psicológica; a comemoração com o autor do gol é semelhante à paternidade); luta e fuga (o grupo se une para lutar contra alguém ou fugir).

Considerações finais

Acreditamos que esta breve reconstrução da trajetória de Athayde Ribeiro da Silva corrobora nossa afirmação inicial de que ele se configura num importante personagem da história da Psicologia do Esporte. Nosso intuito com este texto foi, portanto, de apresentá-lo e, quem sabe, começar a retirá-lo do estado de invisibilidade em que se encontra para a maioria dos profissionais deste campo.

Reconstruir sua trajetória nos auxilia também numa melhor compreensão do percurso da própria área da Psicologia do Esporte, que seguiu, em seu processo de afirmação, o que ocorria em outras áreas da Psicologia. Assim, se os testes foram a principal ferramenta psicológica dos anos 1940-1960, sendo utilizados na escola, na indústria, na clínica, na psicologia jurídica, o mesmo ocorreu na Psicologia do Esporte. Nesta, para além de seu uso psicodiagnóstico, havia também a possibilidade de utilização para efeito seletivo – afinal, a industrialização do país mostrou a relevância da seleção dos homens para o trabalho (o homem certo para o lugar certo).

Assim, o futebol, paixão nacional e marca da Psicologia do Esporte desde seus primórdios, encontrou no ISOP um campo fértil para produzir material teórico, por meio da aplicação da Psicologia e dos estudos com relação aos seus diversos aspectos psicológicos. Neste processo, a história de Athayde Ribeiro da Silva lança também uma nova luz sobre esta instituição reconhecidamente atuante na construção da psicologia.

Para além de sua relevância nas áreas de seleção de trabalhadores, orientação profissional e psicologia aplicada, vemos que o ISOP também desempenhou papel importante na área esportiva: abrigou profissionais que começaram a desenvolver um trabalho na área; foi referência para a Confederação Brasileira de Desportos, que a ele solicitou um psicólogo para trabalhar com a seleção de futebol; sediou a Associação Brasileira de Psicologia Esportiva e Atividade Física; incentivou a publicação científica e participação em congressos científicos na área esportiva.

Assim como no teatro, sempre presente na obra de Athayde Ribeiro, esperamos que as cortinas sobre este personagem estejam apenas se abrindo e que novos elementos sejam

[10] Também oriundo da psicanálise, Bion publicou diversas obras relativas ao trabalho com grupos, em grande parte frutos de sua experiência no Instituto Tavistock, instituição britânica dedicada ao estudo e pesquisa sobre grupos, no pós 2ª Guerra Mundial

ainda acrescentados para que sua contribuição à Psicologia do Esporte permaneça, definitivamente, em cartaz.

Referências

I Congresso Sul-Americano de Psicologia Esportiva (1970, abril-junho). *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, 22*(2), 137-138.

III Congresso Internacional de Psicologia Esportiva (1973, outubro-dezembro). *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, 25*(4), 115-117.

Associação Brasileira de Psicologia Esportiva e Atividade Física (1970, janeiro-março). *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, 22*(1), 121-123.

Campos, R. H. F. & Massimi, M. (1998). Arquivos e bibliotecas para a história da psicologia brasileira. Em J. Brozek & M. Massimi (Org.s). *Historiografia da psicologia moderna* (pp. 305-311). São Paulo: Loyola.

Carvalho, C. A. (2012). *Além do tempo regulamentar: uma narrativa sobre a história da psicologia do esporte no Brasil*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

Congresso Internacional de Psicologia Esportiva (1969, abril-junho). *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, *21*(2), 137-138.

Daolio, J. (1998). As contradições do futebol brasileiro. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, *3*(10). Recuperado em 04 de abril, 2015, de www.efdeportes.com/efd10/daolio.htm

Decreto-Lei n. 3.199. (1941, 14 de abril). Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Rio de Janeiro: Presidência da República.

Drumond, M. (2009). O esporte como política de Estado: Vargas. Em M. Del Priore & V. A. de Melo (Org.s). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais* (pp. 213-244). São Paulo: Unesp.

Ericeira, R. (2010). *A mulher é a tal: visões de compositores de marchinhas de carnaval sobre as mulheres no Rio de Janeiro nas décadas de 1930 e 1940*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

Faiad, C., Coelho Junior, F. A., Caetano, P. F. & Albuquerque, A. S. (2012). Análise profissiográfica e mapeamento de competências nas instituições de segurança pública. *Psicologia: Ciência e Profissão*, *32*(2), 388-403. Recuperado em 15 de junho, 2015, de www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000200009&lng=en&tlng=pt

Jacó-Vilela, A. M. (2001). A nova ciência, instrumento para a construção da República. Em A. M. Jacó-Vilela, A. C. Cerezzo & H. de B. C. Rodrigues (Org.s). *Clio-Psyché ontem: fazeres e dizeres psi na história do Brasil* (pp. 177-185). Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

Lei n.º 4.119 (1962, 27 de agosto). Dispõe sobre a regulamentação da profissão de psicólogo. Brasília: Presidência da República.

Mira y López, E. & Ribeiro da Silva, A. (1964). *Futebol e psicologia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Motta, J. M. C. (2005). *A psicologia e o mundo do trabalho no Brasil: relações, história e memória*. São Paulo: Ágora.

Oliveira, R. C. R. (2013). *Rádio e educação profissional a distância: a experiência da Universidade do Ar (1947 – 1961).* Dissertação de Mestrado, Curso de Mestrado em Educação Tecnológica, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

Psicologia Esportiva (1971, janeiro-março). *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, *23*(1), 159-160.

Ribeiro da Silva, A. (1966). A utilização do teste "minhas mãos" em orientação profissional. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, *18*(3), 71-80. Recuperado em 02 de março, 2015, de bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abpt/article/view/15410/14291

Ribeiro da Silva, A. (1965). Observações sôbre psicologia aplicada ao futebol. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, *17*(3), 67-72. Recuperado em 02 de março, 2015, de bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abpt/article/view/15113/13999

Ribeiro da Silva, A. (1967). *Psicologia esportiva e preparo do atleta*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

Ribeiro da Silva, A. (1972). As aptidões do futebolista. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, *24*(2), 7-20. Recuperado em 02 de março, 2015, de bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abpa/article/view/16852/15663

Ribeiro da Silva, A. (1974). Impressões e notas sobre o III Congresso Internacional de Psicologia Esportiva. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, *26*(1), 37-54. Recuperado em 02 de março, 2015, de bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abpa/article/view/17046/15845

Rosas, P. (1995). *Mira y López: 30 anos depois*. São Paulo: Vetor.

Schultz, P. S. & Schultz, S. L. (1992). *História da psicologia moderna* (A. U. Sobral & M. S. Gonçalves, Trad.s). São Paulo: Cultrix. (Original publicado em 1967).

Seidl-de-Moura, M. L. (2011). Instituto Superior de Estudos e Pesquisas em Psicologia da Fundação Getúlio Vargas (ISOP/FGV) – 1970-1990. Em A. M. Jacó-Vilela (Org.). *Dicionário histórico de instituições de psicologia no Brasil* (pp. 350-351). Rio de Janeiro: Imago; Brasília: CFP.

Silva, S. B. & Rosas, P. (1997). *Mira y Lopez e a psicologia aplicada no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV.

Nota sobre as autoras

Adriana Amaral do Espírito Santo. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ. E-mail: adriana_aes@hotmail.com

Ana Maria Jacó-Vilela. Professora associada da UERJ, coordenadora do Laboratório de História e Memória da Psicologia - Clio-Psyché. E-mail: jaco.ana@gmail.com

Data de recebimento: 21/01/2016
Data de aceite: 30/11/2016